

“SIM, MEU SARGENTO”: A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS PERSONAGENS EM *SARGENTO GARCIA* DE CAIO FERNANDO ABREU

Lucélio Dantas de Aquino
Alexandro Teixeira Gomes

Introdução

No cerne dos estudos linguísticos e literários tem recebido atenção de estudiosos a questão da identidade, ou seja, por um viés discursivo, busca-se compreender como os sujeitos se constituem discursivamente e, por um viés literário, busca-se compreender como os personagens são retratados na sua relação pessoal, social e cultural. Conforme Silva (2008), tanto a uma perspectiva quanto a outra subjazem evidências de um mundo moderno em níveis cultural, social, econômico, etc., o que reflete em novos sujeitos, novas identidades presentes socialmente e representadas esteticamente na literatura.

Considerando, assim, a temática das identidades, analisamos o conto “Sargento Garcia”, do escritor Caio Fernando Abreu, publicado no livro *Morangos Mofados*, sob a ótica da identidade pós-moderna. Para tanto, respaldamos o nosso estudo nas teorias de Bonnici e Zolin (2003), Hall (2005), entre outros que discutem o tema elencado e analisamos os três personagens que marcam o conto: Sargento Garcia, Hermes e Isadora.

Como forma de sistematizarmos nosso artigo, primeiro, fazemos uma exploração sobre o homoerotismo na literatura, em seguida, discutimos a identidade como ponto chave de nosso trabalho e, enfim, realizamos a análise dos personagens supracitados. Por último, apresentamos nossas conclusões resultantes da análise do objeto de estudo.

Homoerotismo na literatura

Com o Pós-modernismo, período literário que se iniciou a partir de 1945 e chega aos nossos dias, instauram-se várias e novas tendências de produção literária que abarcam tanto a prosa quanto a poesia.

Nesse período, temas que até então eram colocados à margem da literatura passaram a ser discutidos sob um novo prisma, como é o caso da literatura homoerótica. Literatura essa que, segundo Bonnici e Zolin (2003, p. 274), “ainda está em processo de construção e autodefinição no campo da legitimidade institucional”. Essa legitimação, acreditamos, está intrinsecamente condicionada à aceitação da produção homoerótica, pois o que se pretende com a literatura, de uma forma geral, é que a sua produção veicule e circule por todas as esferas e classes sociais, independentemente de sua temática.

O homoerotismo como literatura busca, segundo Bonnici e Zolin (2003), desmistificar a homossexualidade da visão anti-humana de “revelar o cotidiano sexual dos ‘diferentes’, ‘perversos’ e ‘invertidos’” (BONNICI; ZOLIN, 2003, p. 275). Assim, o que se busca realmente com essa literatura ainda considerada marginalizada é: “Transformar em matéria de arte e reflexão a experiência muito

contemporânea do que vulgarmente se chama ‘sair do armário’, uma atitude pessoal séria, não folclórica, exercício de cidadania fundamental ao surgimento da militância gay.” (Ibid., p. 275).

Dessa forma, o que se percebe é que os autores dessa literatura se colocam na tentativa de construir uma identidade para os personagens das tramas, a partir de uma autoafirmação social da identidade gay, que luta contra a rejeição e preconceito sócio-historicamente imbuído nos indivíduos, que se julgam normais em relação aos homossexuais, considerados diferentes.

Ainda no que concerne à produção literária homoerótica, destacamos o nome de Caio Fernando Abreu, escritor brasileiro e autor de vários contos e obras homoeróticas. Dentre elas está o conto “Sargento Garcia”, corpus de nossa análise, publicado no livro *Morangos Mofados* (ABREU, 1996).

Narrado em primeira pessoa, esse conto retrata a história de um recruta, Hermes, narrador da história, que é interpelado pelo Sargento Garcia e após certa tensão é dispensado do serviço militar por motivos de saúde e de estudo (mentiras confirmadas pelo recruta para se livrar do serviço militar). Em seguida, o agora ex-recruta, feliz por estar saindo do quartel, recebe a carona do Sargento. A partir daí, a relação sargento versus recruta é quebrada e um grau de intimidade se instaura entre os personagens, acontecendo as primeiras carícias e as revelações dos quereres dos personagens. Eles chegam então a um local, que segundo o sargento, ou melhor, Garcia, é considerado como discreto. No quarto da pensão/motel de Isadora, especificamente no quarto 7, Hermes e Garcia mantiveram relação sexual. Hermes não se mostrou satisfeito com sua primeira experiência, porém reconheceu que o acontecido o tinha feito entender muito do que ele sentia e que agora fazia sentido.

Com este breve resumo, pudemos compreender superficialmente o conto “Sargento Garcia” para, enfim, analisarmos os personagens a partir da visão identitária. Entretanto, antes de procedermos à análise, faz-se necessário discutir nossa base teórica – a identidade.

Identidade: quem sou “eu”?

Muito difundida atualmente nas pesquisas sociais está a exploração da questão identitária, uma vez que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2005, p. 7). Essas novas identidades surgem em detrimento do conceito daquelas já estabilizadas, isto é, daquelas que fazem parte dos padrões tradicionais. Essas novas formas identitárias não surgem como elemento de confronto com as formas enraizadas e cristalizadas, mas como uma maneira de afirmar-se como sendo também uma identidade.

Sendo assim, o ponto chave na discussão de identidade centra-se no sujeito, ou seja, no “eu”. Sobre sujeito, Elia (2004, p. 36) afirma que esse “se constitui, não ‘nasce’ e não se ‘desenvolve’”, isso revela que o sujeito não é algo pronto, ele se molda e se constitui de acordo com a necessidade a ele apresentada.

Hall (2005) na discussão sobre identidade elabora três concepções de identidade baseadas no “eu”, vejamos:

- a) Concepção de identidade do sujeito do Iluminismo;
- b) Concepção de identidade do sujeito sociológico; e.
- c) Concepção de identidade do sujeito pós-moderno.

Cada uma dessas concepções apresenta uma identidade para o sujeito. Segundo Hall (2005), a primeira concepção vê o sujeito de forma integrada, ou seja, “o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 2005, p. 11).

Sobre a segunda concepção, Hall afirma que “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (2005, p. 11). Nesse sentido, o meio determinará a identidade do sujeito/“eu”.

Assim, enquanto para a concepção do sujeito do Iluminismo o que é interior ao “eu” é o que interessa, para a concepção do sujeito sociológico o que interessa é a relação do interior com o exterior, ou seja, “entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2005, p. 11).

A terceira concepção, do sujeito pós-moderno, diz respeito a um sujeito “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2005, p. 12). Nesta terceira maneira de entender o sujeito, ocorre uma quebra geral com a concepção do sujeito do Iluminismo, pois para o entendimento pós-moderno não existe um sujeito estável, integrado. “Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.” (HALL, 2005, p. 13).

Nesse sentido, a contemporaneidade apresenta um sujeito de identidade indefinida, que pode assumir várias identidades, ou ser portador de uma identidade até então desconhecida.

Como complemento a isso, invocamos a discussão de Hall (2005, p. 9), na qual “estas transformações estão também mudando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. Essa afirmativa nos leva a entender que as identidades são mutáveis podendo o sujeito obedecer a padrões estáticos, considerados normais, ou tornar-se diferente.

A respeito desse entendimento de diferença, Silva (2008, p. 29) afirma que “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, em operações de incluir, estabelecer quem pertence e quem não pertence, classificar, hierarquizar”. Essas determinações a partir das diferenças identitárias refletem nas condições e no modo de agir dos sujeitos. Tomemos como exemplo os homossexuais, muitos deles por se considerarem diferentes diante do modelo entendido sócio-histórico-culturalmente como normal (heterossexual) se camuflam através de máscaras para participarem dessa identidade tida como normal. Esse mascaramento se dá como forma de proteção do preconceito, da rejeição e da violência.

Apresentado esse esboço sobre o conceito de identidade, faremos a seguir a análise dos personagens no conto “Sargento Garcia” de Caio Fernando Abreu.

“Sargento Garcia”: por uma questão de identidade

Como já fizemos, anteriormente, uma breve síntese sobre o conto que pretendemos analisar, resolvemos partir direto para a investigação/exploração desse texto sobre a ótica pós-moderna da identidade.

Em “Sargento Garcia”, três personagens marcam a trama do conto. Por uma questão metodológica, analisamos esses personagens separadamente para, por último, confrontarmos os sujeitos e suas identidades realizando assim uma analogia entre essas figuras dramáticas.

Sendo assim, procedemos nossa análise da seguinte forma:

- a) A(s) identidade(s) de Luiz Garcia de Souza: o sargento
- b) A(s) identidade(s) de Hermes: o recruta
- c) A(s) identidade(s) de Isadora

A(s) identidade(s) de Luiz Garcia de Souza: o sargento

O personagem Sargento Garcia é um homem apresentado com dupla identidade. Uma primeira moldada por necessidade social e profissional, e uma segunda oculta por temor a preconceitos e a exclusão social.

Comprovamos a primeira identidade do personagem a partir da descrição, feita por Hermes, do sargento e, também, por falares do personagem quando se refere a sua vida e profissão. Vejamos:

[...] olho verde frio de cobra quase oculto sob as sobrancelhas unidas em ângulo sobre o nariz. [...] bigode grosso como um mandruvá cabeludo [...]. [...] A camiseta branca com grandes manchas de suor embaixo dos braços peludos, cruzados sobre o peito, [...] cabelos quase raspados, duros de brilhantina, colados no crânio. (ABREU, 1996, p. 77)

Com base nessa descrição, temos a imagem de um homem másculo, condizente com o modelo de sujeito necessário para cumprir o papel social que lhe foi incumbido, isto é, a patente de sargento, uma vez que a sociedade exige uma noção de seriedade e masculinidade para tal função.

Endossa nossa análise as falas do Sargento ao dizer que:

- Pois tenho trinta e três. Do teu tamanho andava por aí meio desnorteado, matando contrabandistas na fronteira. O quartel é que me pôs nos eixos, senão tinha virado bandido. (1996, p. 77)

- Tenho que lidar com gente grossa o dia inteiro [...] (1996., p. 83)

O personagem, através de palavras, revela-se portador de uma identidade unificada, moldada pelos outros, ou seja, pela sociedade que o rodeia. Nesse sentido, esse é apenas um dos “eus” do personagem. Assim como a pós-modernidade apresenta um conceito de sujeito múltiplo, o personagem em questão também é múltiplo, isto é, além da face militar, máscula e “normal”, o sujeito apresenta outra identidade, a homossexual. Observemos as seguintes passagens:

Não parecia mais um leão, nem general espartano. A voz macia, era um homem comum sentado na direção do seu carro. (Ibid., p. 83)

[...] A vida me ensinou a ser um cara aberto, admito tudo. (Ibid., p. 77)

Da imagem de um sargento másculo e ríspido, passamos a ver a outra identidade até então desconhecida, qual seja, a de um homem manso, “aberto” e que admite tudo, isto é, admite que um homem pode sentir desejo por outro, como acontecia naquele momento.

A existência dessa outra identidade estabelece no personagem um conflito, pois não há uma definição do “eu”, uma vez que, mesmo sendo homossexual o personagem não busca transformar isso em uma identidade, preferindo mascarar-se diante de uma sociedade igualmente desprovida de identidade unificada.

No trecho a seguir, vemos como o medo da exclusão determina as ações de Garcia:

[...] tu sabe como é, tem sempre gente de olho na vida alheia, melhor eu ir na frente, fica no portão azul, vem vindo devagar, como se tu não me conhecesse, como se nunca tivesse me visto em toda a tua vida. (Ibid., p. 87)

Mesmo admitindo internamente a dupla identidade, o sargento não permite que a sua outra identidade prevaleça ou que ela seja descoberta. Assim, o personagem busca ocultar a sua homossexualidade, agindo de forma camuflada perante a sociedade, o que a nosso ver ocorre por medo da exclusão pelo fato de ser diferente daquilo que é aceitável de acordo com os padrões sociais de sujeito.

Desta forma, endossamos nosso entendimento da identidade do personagem Sargento Garcia, ou Garcia, como possuidor de uma dupla personalidade, o que reflete uma identidade múltipla do sujeito representado no conto.

A(s) identidade(s) de Hermes: o recruta

Um recruta, jovem, “delicado”, “bem-educado”, “fino”, “bonito”, assim é o personagem Hermes, por meio das palavras do Sargento Garcia. Tais adjetivos revelam traços da identidade do personagem, que, logo, mostra-se confuso em relação a seu “eu”.

Tomando a noção de identidade pós-moderna, vemos que Hermes não tem uma identidade definida e encontra-se inacabado em sua constituição. Para comprovarmos essa constituição em processo do personagem, observemos o trecho a seguir:

[...] tenho dezessete anos, quase dezoito, gosto de desenhar, meu quarto tem um Anjo da Guarda com a moldura quebrada, a janela dá para um jasmineiro, no verão eu fico tonto, meu sargento, me dá assim como um nojo doce, a noite inteira, todas as noites, todo o verão, vez enquanto saio nu na janela com uma coisa que não entendo direito saindo pelas minhas veias [...] na manhã seguinte minha mãe diz sempre que tenho olheiras, e bate na porta quando vou ao banheiro e repete repete que aquele disco da Nara Leão é muito chato, que eu devia para de desenhar tanto, porque já tenho dezessete anos, quase dezoito, e nenhuma vergonha na cara, meu sargento, nenhum amigo, só esta tontura seca de estar começando a viver, um monte de coisas que eu não entendo, todas as manhas, meu sargento, para todo o sempre, amém. (1996, p. 80)

Os pensamentos do recruta para mostrar ao Sargento quem ele era e como deveria ser tratado, além da forma subserviente e desconhecida do “eu” pelo próprio sujeito, traz à tona nessa passagem as dúvidas e a certeza da indefinição do personagem, pois este ainda tenta se conhecer e desmistificar coisas que lhe acontecem e que parecem não serem de fácil discernimento.

Porém, muito perceptivo em detrimento a sua idade, o personagem reconhece ser desejado por um homem “Presa suculenta, carne indefesa e fraca” (1996, p. 79), e corresponde “- Quero - eu disse” (p. 87).

Essa correspondência ocorre porque aos poucos o recruta vai se descobrindo homossexual, “Meu corpo inteiro nunca tinha me parecido tão novo” (p. 82-83), um novo sujeito, repleto de dúvidas e quereres.

Me vinha a sensação de que o mundo era enorme, cheio de coisas desconhecidas. Boas nem más. Coisas soltas feito aqueles reflexos e sombras metidos no meio de outras coisas, como se nem existissem, esperando só a hora da gente ficar ofuscado para sair flutuando no meio do que se podia tocar. Assim: dentro do que se podia tocar, escondido, vivia também o que só era visível quando o olho ficava tão inundado de luz que enxergava esse invisível no meio do tocável. Eu não sabia. (Ibid., p. 86)

As revelações do personagem em relação a sua descoberta, ou seja, ver aquilo que seus olhos ainda não haviam enxergado, trazem também as lembranças de sua infância, na qual a criança, muitas vezes, é exposta à zombaria. Isso configurou para ele o homossexualismo como algo que pode lhe causar repressão, zombaria e exclusão, deixando-o assim com as marcas próprias do sujeito pós-moderno carregado de angústias pela própria condição de sujeito inacabado e em constante processo de constituição.

Logo, o descobrir-se do personagem, assim como o medo do sargento, revelam imagens de preconceito acerca do homossexualismo, vejamos:

Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha, quiáquiáquiá. O vento descabelava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Mariquinha, maricão, quiáquiáquiá. E não, eu não sabia. (Ibid., p. 86)

Mesmo tendo passado por momentos de preconceito, o recruta, até seus dezessete anos, não sabia ou não percebia que era homossexual. Sua “descoberta” culminou com a sua primeira experiência. Essa iniciação o levou a questionar-se: quem sou “eu”? A fuga do local onde aconteceu essa primeira experiência demonstra que o mesmo, assim como quis fugir do local, também quis fugir dessa nova identidade que acabará por se estabelecer, posto que, como o próprio personagem narra “uma vez desperta, não voltaria a dormir”.

A(s) identidade(s) de Isadora

A personagem Isadora reflete um comportamento e uma situação intrapessoal diferenciada dos demais personagens. Embora possua mais de uma identidade, marca do sujeito pós-moderno,

Isadora rejeita/anula sua primeira identidade (Valdemir) e afirma-se como mulher, revelando o conflito entre as identidades que a constituem. Isso pode ser observado no seguinte trecho:

– Isadora, queridinho. Nunca ouviu falar? Isadora Duncan, a bailarina. Uma mulher finíssima, má-ravilhosa, a minha ídola, eu adoro tanto que adotei o nome. Já pensou se eu usasse o Valdemir que minha mãezinha me deu? Coitadinha, tão bem-intencionada. Mas o nome, aí, o nome. Coisa mais cafona. Aí mudei. (1996, p. 88)

Além disso, a identidade assumida pela personagem – Isadora – é uma apropriação de um nome de outrem – Isadora Duncan –, figura na qual a personagem espelha-se: “Isadora Duncan, a bailarina. Uma mulher finíssima, má-ravilhosa, a minha ídola”.

Todas essas posições de Isadora nos fazem compreender que ela se autoafirma como homossexual, ressaltando, assim, os princípios do homoerotismo na literatura, mostrando que mesmo sendo diferente ela participa da sociedade e deve ser encarada como tal. Nesse sentido, Isadora aparenta demonstrar ciência sobre o “eu” que a constitui.

O fato de caracterizar-se como mulher, conforme descrevemos a seguir, revela sua definição enquanto homossexual, que “sai do armário”, igualando-se as outras identidades enraizadas na cultura da contemporaneidade: “A mão molhada cheia de anéis, as longas unhas vermelhas, meio descascadas, como a porta. Apertei. Ela riu”.

Tanto os traços característicos da personagem, quanto a tragicidade e extravagância das suas falas, associadas ao uso de formas lexicais no feminino, refletem um conhecimento sobre a identidade assumida. Tais elementos podem ser evidenciados nas seguintes passagens:

Se Deus quiser, um dia ainda vou morrer estrangulada pela minha própria echarpe. Tem coisa mais chique? (Ibid., p. 88)
– Nossa. Taludinho assim. E nunca fez, é, meu bem? Nunquinha, jura pra tia? – A mão no meu ombro, pedra de anel arranhando leve meu pescoço. Revirou os olhos. – Conta a verdade pra tua Isadora, toda a verdade, nada mais que a verdade. Tu nunca fez, guri? (Ibid., p. 88)
“Ninguém esquece uma mulher como Isadora” (Ibid., p. 89)

Nessas passagens são usadas formas no feminino como “estrangulada”, “minha”, “tia”, “tua Isadora”, “mulher”, bem como um vocabulário próprio do universo homossexual como “fez” – forma utilizada pelo grupo para referir-se a um homem que mantém relação com outro homem. No caso de Hermes, a personagem Isadora refere-se por meio do “fez” a inexperiência do garoto em relação a sua experiência de vida. Essa reflexão torna-se explícita quando Isadora diz o seguinte:

Afinal, a primeira vez é uma só na vida. – Passou por mim, enfiando-se no corredor escuro. – Tenho certeza que o mocinho vai a-do-rar, ficar freguês de caderno. Ninguém esquece uma mulher como Isadora. (Ibid., p. 89)

Nesse segmento, podemos afirmar que a identidade de Isadora apresenta-se definida em relação aos demais. Além do mais, a frase “Ninguém esquece uma mulher como Isadora” (grifo nosso) vem ressaltar a afirmação do sujeito enquanto diferente, mas que concorre com outras identidades no jogo do que é estereotipado como “normal”.

Para concluir, somos...

As identidades em “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu, revelam os sujeitos plurais do pós-modernismo. Os personagens Garcia e Hermes são “eus” condicionados por desejos camuflados e confusos que acabam por indefinir suas identidades.

Opondo-se a isso está Isadora, homossexual ciente de sua condição e que se afirma como tal. Desta forma, como preceitua o pós-modernismo e, em especial, a literatura homoerótica situada nesse período, as identidades buscam se autoafirmar, ocupando assim o seu lugar na sociedade.

Embora saibamos que são preceitos do pós-modernismo e da literatura homoerótica, as identidades neste conto, em sua maioria, não buscam se autoafirmar, estas são postuladas com base na realidade social em que o preconceito, a zombaria e estereótipos são marcas de uma sociedade que não permite a afirmação de identidades diferentes em comparação àquelas consideradas normais.

Portanto, a multiplicidade de identidades é um traço da literatura pós-moderna e do mundo contemporâneo, ressaltada no conto de Abreu (1996), que pode ser condicionada por pressões sociais e por medo da exclusão. Sendo assim, notamos que a autodefinição não se realiza de forma generalizada, somente aqueles que não possuem as máscaras sociais é que são capazes de se definir: “nós somos”. São indivíduos que a contemporaneidade busca afirmar como identidades diante a gama de preconceitos e diferenças existentes na sociedade. Somos diferentes e somos iguais, uma vez que a diferença constitui o surgimento de novas identidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. **Morangos mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2003.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro).

SILVA, F. P. **“Quem és tu para querer manchar meu nome?”: a produção identitária das mulheres profissionais do sexo como trabalhadoras**. In: FREITAS, A. C; RODRIGUES, L. O; SAMPAIO, M. L. P. (orgs.). **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Pau dos Ferros, Queima Bucha, 2008, p. 25-34.